

O desamparo revisitado^[1]

Anne Lise Sandoval Silveira Scappaticci^[2]

RESUMO: Através de trechos autobiográficos que apontam para o aspecto outsider de nossas existências, uma epígrafe de Freud envelhecendo, vinhetas de Bion em sua infância e vinhetas clínicas, a autora propõe refletir sobre a experiência de desamparo ancorada na possibilidade de o analista anotar e permanecer em estados mentais de não-integração presentes no cotidiano. Estados de não-integração são singulares porque mais próximos de Si-mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: desamparo, não-integração, dimensão grupal, estranho, experiência emocional

1. Este artigo é uma republicação de “Sobre o desamparo frente a estados de não-integração”, trabalho elaborado com base no texto apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) em 25 de agosto de 2012 e publicado originalmente na *Berggasse 19* em 2017 (vol. 6, n. 2, pp. 17-31). Comentários de Antonio Sapienza.

2. Psicanalista. Pós-doutora em psicologia clínica. Membro efetivo, analista didata e docente da SBPSP. Organizadora do livro *Bion e a psicanálise infantil* (Primavera Editorial, 2011) e autora do livro *Psicanálise: uma atividade autobiográfica* (Blucher, 2023). Editora da revista *Ide* no período de 2020 a 2024 (SBPSP).

Não sei quem me pôs no mundo, nem mesmo o que sou. Estou numa ignorância terrível de todas as coisas. Não sei o que é o meu corpo, os meus sentidos, nem o que é a minha alma, e até esta parte de mim que pensa o que agora digo, refletindo sobre tudo e sobre si mesma, não se conhece melhor do que o resto. Vejo-me encerrado nestes imensos e intimidantes espaços do universo e sinto-me ligado a um recanto da vasta extensão, sem saber por que fui colocado aqui e não em outra parte qualquer, nem por que o pouco tempo que me é dado para viver me foi conferido neste período de preferência a outro período de toda a eternidade que me precedeu e de toda a que me segue. Só vejo o infinito em toda a parte, encerrando-me como um átomo e como uma sombra que dura apenas um instante e não volta.

– Blaise Pascal, “Contra a indiferença dos ateus”

Escrevo um breve prelúdio para este artigo, publicado há alguns anos na revista *Bergasse 19*, para refletir a respeito do quanto estas ideias decorrentes da observação que exerço na clínica psicanalítica ainda são atuais.

Com base em *Transformations* (Bion, 1965), o conceito de “mudança catastrófica” se tornou central para a psicanálise. Esse conceito remete à ideia de que a análise é perturbadora para a dupla envolvida, porque estimula a vivência de estados psíquicos ainda não representados, e muitas vezes não passíveis de representação. Surge a demanda para o psicanalista de estar aberto e disposto a viver tal transformação.

Já há alguns anos estudo o conceito de autobiografia (Scappaticci, 2023) baseada na constatação de que a psicanálise, como busca de verdade em sua ética, é uma experiência autobiográfica para a dupla. A autobiografia é a publicação das experiências catastróficas na sessão de análise. Entretanto, a realidade psíquica, sua vivência e transcrição não são algo com que estamos familiarizados. A catástrofe é um link que pode reunir elementos da personalidade anteriormente dispersos. Grãos se tornam conjecturas, conjunções em expansão em busca de significados e de novos pensamentos. Portanto, uma oportunidade.

A base do funcionamento da mente seria como numa visão atomística descrita por Lucrécio em seu esplêndido poema sobre a natureza das coisas, reinterpretado por Demócrito de Abdera em 450 a.C. (2007): toda a terra está aberta ao sábio, porque a pátria de uma alma virtuosa é o Universo inteiro. Somos grãos dispersos, uma não-integração, no espaço cósmico infinito de nosso psiquismo desde o princípio da vida, movidos por um ritmo próprio de reunião e dispersão. Cada vez que nos aproximamos do ritmo único, pulsante e pessoal, a angústia catastrófica se acentua no confronto com uma mente incipiente que talvez não dê conta e enlouqueça. Nossa mente engatinha frente à demanda de catástrofe controlada. Essa era a proposta de Bion para uma sessão de análise em 1965.

Bion, em seus livros epistemológicos, propõe uma cautelosa investigação do método de aproximação à realidade psíquica. A sugestão é de recolher nossas expectativas de dar significados e representações às coisas e aguardar para que um conjunto novo de fenômenos ganhe coerência, mesmo tendo um significado desconhecido. Os termos cunhados numa sessão devem ser “singelos”, são como uma invenção que

aparece apenas para “amarrar”, impedir a dispersão dos fenômenos. Bion (1963/2004) compara isso à postulação de Hume sobre a conjunção constante que “surge com o intuito de ser um sinal de que certos fenômenos separados, e até então incoerentes, estão constantemente conjugados” (p. 99). Após ter ligado os fenômenos, é possível descobrir seus significados, ou seja, entrar numa esfera representativa – essa é a dimensão última a ser investigada. Assim, as teorias são, como propôs Freud em “Construções em análise” (1937/1972), transformações da experiência, formulações sujeitas a serem modificadas.

Bion correlaciona os mecanismos psíquicos entre continente e conteúdo (♀♂) e a oscilação PS↔D como movimentação psíquica da personalidade. O analista consegue apreender essa movimentação observando o uso que o paciente faz da sessão de análise e da mente do próprio analista. As colunas 1 e 3 da Grade de Bion representarão os usos relativamente simples, aos quais o analista precisa se ater antes de progredir; é necessário viver a experiência e ouvir o paciente. Essas concepções foram expandidas por alguns psicanalistas, com base no pensamento de Wilfred Bion, como Michael Eigen, Giuseppe Civitarese, Cecil Rezze, João Carlos Braga, entre outros tantos.

Por fim, gostaria de comentar a respeito da centralidade do Édipo na teoria psicanalítica neste artigo. Bion (1965) considera a teoria edipiana em sua faceta D4, “como parte do equipamento de observação que o analista possui examinando as fileiras A e B” (p. 65, tradução livre) – elementos beta e alfa, ou seja, no evoluir de camadas arcaicas, primitivas iniciais da vida psíquica, em que a abordagem científica não está disponível e é preciso fazer um apelo à estética. O vértice da expressividade no recurso estético é evidente em *A memoir of the future* (Bion, 1991) e nos textos autobiográficos dos psicanalistas, como em muitos textos de Freud em que ele chamava seus casos clínicos de “suas novelas”.

É preciso descobrir o acesso à própria alma para viver a vida. É preciso transformar a perturbação do contato, sempre iminente com o ritmo inquietante e incessante de si mesmo, em poesia. A metapsicologia de todo analista está presente desde sua infância, caso se torne autobiografia. Desejo a todos uma boa leitura!

Sobre o desamparo frente a estados de não-integração

Um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toalete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toalete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizasse totalmente com a sua aparência. (Freud, 1919/1972, p. 309)

Nos últimos anos, ao tentar lidar com a condição humana de contínua tensão interpessoal e intrapsíquica expressa nos pares de solidão/dependência, desamparo/

integração, ilusão/desilusão, narcisismo/socialismo, despertada pela prática clínica que, como sabemos, nos desafia a evoluir, frequentemente me surpreendo com o “esquecimento” dessas condições em minha própria vida, ou ainda na de colegas a minha volta. Com frequência, ficamos mobilizados ao nos darmos conta da presença do humano em nossas vidas: é o impacto do “Estranho” ao envelhecermos, ou ao adoeceremos; é, enfim, preciso lidar com as leis de nossa natureza e, portanto, lidar com o sentimento de que somos feitos da mesma “matéria” de nossos analisandos, somos finitos e perecíveis. Esse esquecimento seria uma defesa para poder seguir em frente, dar conta do viver? Seria um fechamento duro, narcísico e onipotente? Tento permanecer dentro desse estado de inquietude. Contudo, talvez, essa condição inevitavelmente tão sofrida seja de difícil abrigo para a mente que facilmente “espana” e se retrai a cada vez que dela se aproxima.

Diante dessas reflexões, procurei abordar neste artigo a interlocução dessas vivências perturbadoras a partir de reflexões e vinhetas clínicas, conservando como pano de fundo alguns trechos do primeiro volume da autobiografia de Wilfred Bion, *The long week-end* (1982b). Nesta escrita escolhi me ater ao vértice do desamparo frente a estados de não-integração. Experiência que nos aproxima à essência de nós mesmos, na qual a vivência de estados menos integrados da mente, estados de fragmentação própria do modo de ser – talvez até mesmo daquilo que poderíamos considerar uma dimensão grupal da personalidade de cada um –, pode gerar grande turbulência emocional. Enfim, a experiência de desamparo como um autorretrato ante a visão mais próxima de Si-mesmo.

Williams, no texto “The tiger and ‘O’” (1985), deteve a sua investigação na passagem em que Bion descreve “The big game shoot”, num de seus livros autobiográficos – *The long week-end* (Bion, 1982b) –, no qual ocorre significativamente o aniversário dele, menino. Associando o momento do nascimento (*birthday*) com a mudança catastrófica, possibilidade de nascimento mental, gerada pelo impacto do encontro de caça e caçador, ela comenta:

através da atividade animal, ele [Bion] obviamente está, na verdade, descrevendo a atividade humana – mas a atividade humana real, não aparentemente civilizada; o tipo de rumor primitivo para o qual o homem deve buscar uma escuta antes que seu real conhecimento possa progredir. (Williams, 1985, p. 41, tradução livre)

Essa descrição evoca a busca de expansão na escuta do analista quanto a sua tolerância de permanecer imerso em seu próprio desamparo sem dar início, quem sabe movido pela própria angústia, a uma construção psicológica artificial da cena. Entretanto, é possível aguardar nas profundezas das expressões parciais, que muitas vezes não possibilitam reconstruir aquilo que simbolizam? Será possível não me adiantar e mesmo assim ativamente – e não passivamente – continuar tendo fé na minha utilidade de propor algo novo e, portanto, útil à dupla? Vem à mente uma canção de Lucio Battisti (1970) que, como outros artistas, canta: “entender você não pode /

chame-as como quiser, emoções”!³ Assim, “por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir” (Freud, 1919/1972, p. 275).

Intensa luz; intensa escuridão; nada entreposto; no crepúsculo. Sol áspero e silencioso; noite negra – escura – e barulho violento. Sapos coaxando, pássaros martelando caixas de lata, sinos estridentes, gritando, rugindo, tossindo, berrando e zombando. Aquela é a noite, aquele é o verdadeiro mundo e o barulho real. (Bion, 1982a, p. 23, tradução livre)

Algumas vezes podemos ficar perdidos e manifestar estados de extrema turbulência e desconforto ao entardecer, como se, ao perder as referências do dia e da noite, na transitoriedade, emergisse um estado mental de profunda dor pela pior espécie de solidão: aquela de não poder contar com a própria companhia.

Chegou o tempo de eu ir para a escola, para que eu me libertasse de todos aqueles absurdos: naquela época não tinha uma mente, só uma “cabeça”. Neste estágio de minha vida tive um crepúsculo. De fato, deve ter se tratado da aurora: a aurora da inteligência. (Bion, 1982a, p. 24, ao narrar seu primeiro dia na escola Woodstock, tradução livre)

Desamparo? Solidão? No crepúsculo da alma a mente do analista está sujeita a seu próprio safári, ou ao “zoológico psicanalítico” (memória do futuro). É preciso atentar-se, correndo o risco de naufragar no desamparo ou de permanecer muito explicativo:

Talvez algumas coisas sejam muito para os “grandes”, mesmo para os próprios adultos. Somente após muitos anos, me ocorreu pensar que qualquer um de nós que está numa posição de autoridade pode ter que resolver problemas que seriam mais adaptados a pessoas “maiores” do que ele. (Bion, 1982a, p. 19, tradução livre)

Em sua autobiografia, Bion (1982b) conta a dificuldade de sua mente, no claro-escuro do entardecer, de reorganizar-se (Scappaticci, 2014). Para a criança, inicialmente as palavras não têm a propriedade do conceito abstrato compartilhado pelo senso comum; elas são vividas sensorialmente, saboreadas em sua pronúncia, ou ainda exploradas na fantasia em seu apelo visual. Esse nível muito primitivo está presente concomitantemente a outro, mais abstrato; ele surge ao entardecer tumultuando algo que já tinha encontrado sossego ou equilíbrio. A ideia de “ser o humano” encontra sua base se, ao olharmos para o indivíduo, encontrarmos inevitavelmente o grupo como no modelo de palimpsesto (Bion, 1992), no qual podemos visualizar tantas estratificações, como em qualquer estrada romana onde num só olhar é possível encontrar o etrusco, o romano, o barroco, o renascentista e o moderno (Bion Talamo, 1996-1997).

Entender o indivíduo na sua dimensão de grupo já é uma concepção do humano em Freud, e os exemplos são inúmeros, como em “Totem e tabu” (1913/1972) ou ainda em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921/1972), quando ele afirma que a psicologia individual e a psicologia de grupo não podem de modo algum ser diferenciadas,

3. No original: “*capire tu non puoi, / tu chiamali se vuoi emozioni*”.

porque a psicologia do indivíduo é ela própria uma relação com outra pessoa ou objeto. A dimensão grupal é marcante na vida e na obra de Bion, que, iniciando com “Experience in groups” (1961), culmina abordando o tema sempre tão presente, de modo mais explícito a partir de 1970, em *Attention and interpretation* (1970) (quando retoma as ideias propostas em “Catastrophic change”, de 1966), em sua autobiografia (1982b) e através dos vários personagens, como num palco cênico dando corpo às vozes anacrônicas do sujeito, em *A memoir of the future* (1991). Assim, nessa visão o indivíduo não pode prescindir do grupo nem internamente nem externamente. O que somos resulta do funcionamento do grupo intrapsíquico entrelaçando-se com o funcionamento do grupo interpessoal, inter↔ação: calibragem interna e externa. Ao mesmo tempo, a concepção de uma mente multidimensional se faz clara, e portanto, aos nossos olhos tridimensionais, a possibilidade de contato emocional com diversos níveis coexistentes do funcionamento mental e, sucessivamente, a possibilidade de ganhar expressão vão se tornando nossa árdua tarefa: o “espaço mental é tão vasto, comparado a qualquer outra realização tridimensional, que o paciente sente perder sua capacidade para emoção – pois a própria emoção se esvai na imensidão” (Bion, 1970, p. 29, tradução livre). Pietro Bria (1989), estudioso de Matte Blanco, contribui:

Se quisermos representar esta realidade infinito-dimensional, a realidade que está atrás, dentro ou muito além do ponto “visível” ou “imaginável” (mas este argumento valeria para a realidade de 4, 5, 6 ou ainda, de mais dimensões), nós não teríamos outra alternativa a não ser “desdobrá-la” no espaço-tempo como uma sucessão de volumes – como um ponto desenhado na folha –, sucessão que no nosso caso será infinita. Aqui situa-se o nascimento do conceito de infinito matemático... (p. 133, tradução livre)

O vislumbrar dessa realidade mais misteriosa e desconhecida do mental pode ser feito apenas pela intuição. Essa “visão” lembra cenas do filme *Contatos imediatos do terceiro grau* – de 1977, direção de Steven Spielberg –, nas quais os personagens lidam com situações e criaturas desconhecidas; algo sem explicação, mas de cuja existência, no entanto, “se sabe”. São apreensões que independem do vínculo de conhecimento, ou seja, de transformações em K. Podem levar à experiência de desamparo do próprio analista, que como todo ser humano precisa aprender a lidar com esses estados não-integrados em sua própria mente para além da área convencional; continuar a ter fé.

Uma colega comenta a seguinte experiência clínica com um menino a quem atendia:

Naquele dia, olhando pela janela da sala, ele me disse ter visto uma igreja. Num primeiro momento, fiquei impactada e certamente levada pela ideia dos familiares de que ele era uma criança estranha. Enfim, com aquela manobra, minha estranheza permanecia justificada e colocada para fora de mim. Até que olhando pela janela, junto com ele, atentei ao reflexo nos vidros espelhados do prédio ao lado e, para minha surpresa, lá estava a

igreja, “libertada” dos prédios construídos a sua frente. Pude, então, redimensionar o impacto do estranho em mim e me aproximar realmente do que estava acontecendo. (Maria Lúcia Ferrão, comunicação pessoal, 2012)

Essa experiência evoca o modelo do reflexo das árvores na superfície do lago, utilizado por Bion em *Transformations* (1965), e a ideia de que o “clima” pode interferir na vivência emocional – se a turbulência for intensa, o reflexo pode não remeter a nenhuma experiência originária, a dupla pode permanecer sem nenhum rastro de emoção, nenhuma pista. Desamparo, solidão, é preciso emergir dos pressupostos básicos do grupo, do senso comum, para realizar uma experiência de si mesmo no vínculo com o outro.

Em 2004, Sapienza e Junqueira Filho discorreram sobre esses aspectos que tento aqui abordar e deram ênfase à “proposta genial freudiana de isolar o analisando de seu grupo de origem mergulhando-o na vivência de alteridade propiciada pelo *setting* psicanalítico” (p. 2). Esse contexto de intimidade

mobiliza angústias primitivas, que só podem ser contidas pela operacionalização daquilo que Bion denominou de “visão de senso-comum [sic]” e “visão de comunhão emocional”. Só mediante o exercício conjugado destas duas visões é que o indivíduo pode calibrar o seu “senso de realidade psíquica” com o seu “senso de realidade externa”. (p. 2)

Blikstein (2012), professor de linguística e semiótica na Universidade de São Paulo, comentando o inferno na obra de Graciliano Ramos, demonstra como o inferno (obstinação do menino mais velho pela significação do mundo) é uma “realidade” construída por toda uma rede de discursos intertextuais e polifônicos, produzidos em diferentes épocas e culturas:

É justamente contra essa construção semiótica realizada pelo discurso do mundo adulto que insurge Graciliano, em *Infância*, na medida em que questiona as “certezas” das instituições (família, escola, religião). E não é por acaso que uma dessas certezas questionadas é a existência do inferno. Em *Infância*, ao negar o inferno, desafiando a própria mãe e a Igreja, Graciliano é, na verdade, o menino mais velho de *Vidas secas* na busca obstinada pela significação do mundo. (p. 233)

Assim, o autor repropõe a questão proposta a Sócrates por seus discípulos: a relação entre as palavras e as coisas é natural ou convencional?

Pássaros

Estávamos num impasse, eu e minha analisanda, porque tínhamos chegado a uma conclusão compartilhada de que ela tinha um senso de repugnância pelo marido, isso durante a sessão anterior. Entretanto, a partir dessa experiência de intimidade nossa, na sessão atual, ela parecia permanecer sob o seu impacto. A coisa não evoluía, ela só se repetia, lamentando-se de pequenas coisas do cotidiano. Parecia permanecer no nível sensorial do relato, e eu sentindo-me um pouco entediada e sem ter ideia de

como evoluir. Diante de nós, havia uma janela da qual podíamos vislumbrar a copa das árvores de um pequeno jardim em frente ao consultório. Secretamente, pensei nele como uma espécie de heliporto dos passarinhos, como se fosse uma escala de um voo maior. De repente, surgiram dois pássaros enormes – de 20 a 30 centímetros! Depois descobri tratar-se de falcões peregrinos, que, em geral, habitam florestas maiores e quase sempre estão escondidos! –, belíssimos, imponentes e impossíveis de não serem notados: o macho pousou primeiro sobre um galho, que se curvou, e depois que ele se foi, parecendo “segui-lo”, apareceu a fêmea. Nós duas ficamos muito impactadas, surpresas, e praticamente interrompemos a conversa para apreciar uma cena tão única.

Contudo, fiquei ainda mais atônita com a associação da minha analisanda, que comentou logo em seguida: “olha aí, você cantando para mim!”. “Eu?!”, respondi espantada. “Sim”, ela ratificou. “Você é o sabiá-laranjeira, refinado e discreto. Eu sou o bem-te-vi, enlouquecido e barulhento, que grita de formas diferentes: bem, bem, bem, bem! Te vi, te vi, te vi”. Num pequeno “salto” associativo, surgiu em mim e para nós duas a ideia dela dizendo algo ao marido no lugar de sua mãe: “bem que te vi, bem que eu disse”. É claro que o senso de repugnância tinha relação com cenas infantis do pai indo atrás de outras mulheres ou da mãe-bem-te-vi afastando o marido de si mesma, dela e de seus irmãos. Esse nível foi prontamente alcançado por nós duas a propósito da cena primária e das lembranças que fazem parte de um vínculo analítico de muitos anos (mais de dez). Mas a novidade maior qual seria? Não teríamos níveis diferentes atuando concomitantemente? Como deixar em aberto vários níveis, mais organizados e outros mais primitivos ou não-integrados, da experiência emocional? Cenas de um manicômio ou de intimidade, talvez. Por que é tão difícil deitar no divã totalmente lúcidos do que estamos fazendo? Não é difícil também o seu inverso, ou seja, permanecer atrás do divã? Trafegar entre a experiência de análise, tantas vezes indizível, e o senso comum...

No final de seu livro *Attention and interpretation* (1970), Bion preconiza o desenvolvimento da capacidade do analista de descartar o material conhecido, resistir àquilo que já sabe, por mais familiar que isso lhe pareça, para focar-se no *desconhecido*. O intuito seria de conseguir um estado de mente análogo à posição esquizoparanoide. Assim, “cunha” os termos *paciência*, para esquizoparanoide, e *segurança*, para a posição depressiva, com a finalidade de retirar uma conotação psicopatológica e assim permanecer mais próximo à experiência emocional na qual, com sofrimento e tolerância à frustração, um padrão pode evoluir: “Considero a experiência de oscilação entre ‘paciência’ e ‘segurança’ uma indicação de que [o analista] está conseguindo fazer um trabalho valioso” (p. 124).

A partir dessa reflexão, parece-me que a posição esquizoparanoide ganha um novo status; ela passa a ser fonte de criatividade e de inspiração, desde que o analista consiga lidar com seu próprio funcionamento, *paciência*...

1) Quanto é possível aguardar, ter “paciência”, até que um padrão evolua para que possa ser comunicado?

2) E como fazer essa conversa? O convite seria desenvolver uma situação mental de espera que possua a qualidade que Kant atribui a um pensamento vazio, que é aquela de poder ser pensado, mas não conhecido. Quanto seria possível permanecer num nível grupal, no interior do bando de passarinhos, até poder cantar um dueto?

Naquela noite, tive um sonho angustiante. Estou com minha analisanda em meu consultório deleitando-me em contemplar os pássaros quando, improvisamente, eles se tornam objetos bizarros, como os personagens de *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 1865/2009); são objetos parciais, como um peixe-pássaro, pousado em minha árvore. Apavorada, convido minha paciente para sair da sala. Talvez, estivesse no trabalho do sonho pensando em não expor minha analisanda aos meus aspectos parciais, bizarros e “psicóticos”, preservá-la do primitivo que subitamente emergira do espaço aberto pela cesura.

O par psicanalítico precisa aprender com a experiência de transbordamento da emoção, seja ela positiva ou negativa, precisa ter Fé (Bion, 1970) de que a emoção “solta” será contida pela “memória” do ato procriativo que a gerou. *A precariedade e o desamparo humanos exigem uma modulação emocional, uma capacidade negativa* (Keats, 1952) *que tolere a ignorância, uma linguagem apofática*^[4] (Webb e Sells, 1997) *que tente se aproximar do indizível com humildade e respeito.* (Sapienza & Junqueira Filho, 2004, p. 3)

Atendendo crianças pequenas e pacientes *borderline* na universidade,^[5] parece-me que presencio ao vivo o embate e até mesmo os momentos nos quais a pessoa está tomando a decisão entre esvair-se de si mesma ou então buscar com fadiga aproximar para “calibrar” o grupo interno àquele externo, como se nesse momento existisse certa intencionalidade em assumir uma direção em sua história ou não, em permanecer anônima nos pressupostos básicos. Contextualizar o indivíduo dentro da pressão do grupo é fundamental, seja no trabalho com famílias de pacientes psicóticos, seja com crianças – tendo em mente que o analista sofre o mesmo tipo de pressão. Meu analisando, um menino de 9 anos, não falava nas sessões. Sabia que conversava porque o fazia com sua mãe, na sala de espera, mas passava a sessão mudo, não obstante eu fizesse várias tentativas de interagir com ele. Permaneceu quase imóvel por algumas sessões, irreduzível, e sua expressão revelava extrema angústia. Eu assistia àquele movimento e tinha claramente a sensação de que ele estava escolhendo o caminho de esvair-se de si mesmo. Lembrei-me de uma intervenção que Bion fez em um grupo que atendia, referindo-se ao problema que uma

4. Nota de rodapé do texto original: “A linguagem apofática (apo = abolindo ou afastando, fasis = falar) descrita por Plotino e utilizada por místicos como Meister Eckhart e Ibn Arab, consiste na emergência de um significado em função da tensão surgida entre a enunciação de uma proposição e a formulação de outra que a corrige” (Sapienza & Junqueira Filho, 2004, p. 3).

5. Ambulatório de Atendimento de Pacientes Borderline (Amborder), do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/Unifesp).

criança no período de latência deve resolver no pátio do recreio da escola (Bion, 1961, p. 49), quanto a permanecer ou não imerso e indiferenciado na mentalidade do grupo... DES-APARE-SER no desamparo?

Um dia ele se sentou no chão perto da mesa; sentei-me no chão do outro lado, respeitando a distância que ele impunha a nós dois. Sem saber o que fazer, peguei uma folha de papel e desenhei uma carinha, e passei por debaixo da mesa em sua direção. Após alguns minutos, durante os quais me parecia que ele mal tinha visto meu movimento, pegou o papel e, do redondo da carinha, escreveu um “ooo” e depois, com um movimento, empurrou a folha para o meu lado. Embora ele o fizesse como quem faz questão de dar um ar de superioridade, eu fiquei bastante surpresa com a interação e então “cantei” o “o” dando uma entonação de encenação – queria reproduzir um encontro e certa admiração e alegria por ele ter me respondido. Ele, achando engraçada a minha atitude, escreveu vogais sem sentido e se divertiu em me ver tentando reproduzir “em ópera” aquilo que havia transcrito. Essa e outras sequências ainda mais esquisitas continuaram por um bom tempo até que pudéssemos conversar.

Em 1977, Bion republica seus quatro livros epistemológicos num único fascículo – *Seven servants* –, introduzindo-o com a poesia de Rudyard Kipling que tanto o intrigava quando criança.

Os sete pilares da sabedoria são:
 “Eu tinha seis honestos serviçais
 Eles me ensinaram tudo o que sabia
 Seus nomes eram O que, Porque, Quando
 Como, Onde e Quem
 Eu os enviei a leste e oeste
 Mas após terem trabalhado para mim
 Eu dei a eles um descanso [e termina]”:
 Aquele que falta completa os sete
 (Bion, 1977, tradução livre)^[6]

“O elemento que falta é a marca essencial do humano. Cesura. Permanecemos suspensos na incompletude, submetidos à nossa intolerância para o pensar, ou a espera do vir a ser” (Scappaticci, 2014, p. 130). Bion destaca a distância entre os vértices no indivíduo e no grupo, o que parece ser o pano de fundo de sua escrita e particularmente de seus trabalhos autobiográficos (autobiografias e *A memoir of the future*). Bion, mais velho, reinventa-se nos olhos de um menino. Aqui, o Édipo é entendido como uma pré-concepção da humanidade, entrada do indivíduo no grupo. Em sua descrição, Bion observa o método com o qual cada um conhece e lida com

6. No original: “I keep six honest serving men / They taught me all I knew / Their names are what, why, when / How, where, who / I send them east and west / But after they have worked for me / I gave them all a rest’ / the missing one completes the seven”.

a verdade. Contudo, como toda escrita é autobiografia, assistimos ao relato de um menino curioso, cheio de perguntas que, de repente, desiste de perguntar. Vai ser psicanalista para continuar fazendo perguntas (Scappaticci, 2014).

Quando eu era pequeno, eu era habitualmente visto pelos adultos como um garoto estranho, que sempre fazia perguntas. Pediam-me para recitar um trecho do poema de Kipling – “The elephant’s child”. Consideravam-me muito engraçado. Mas eu não percebia a anedota. Diziam-me que eu era como o elephant’s child que fazia tais perguntas – e, como se eu fosse tolo, fazia outra pergunta: quem era o pai do elephant’s child... Resolvi então ser mais cuidadoso e não fazer tantas perguntas. Levou muito tempo para ousar fazer perguntas novamente. Quem ajudou nisso foi John Rickman, meu primeiro analista. (Bion, 1977, Introdução)

Parthenope Bion Talamo (1996-1997), numa conferência em Turim, enfatizou o aspecto estranho-estrangeiro em seu pai nas várias situações no decorrer de sua vida a partir de sua infância “nômade”. Seus avós não eram propriamente ingleses; seu avô era de origem suíço-alemã, enquanto sua avó tinha uma descendência “mista”, filha de missionário com uma mulher também de origem indiana. A família de Bion conviveu com a cultura indiana mais do que outras famílias das colônias inglesas porque o pai de Bion era um engenheiro civil que construiu algumas das primeiras linhas ferroviárias na Índia e longos canais de irrigação – cobrindo distâncias de 1.600 a 1.700 km –, cujos percursos, bem como as estradas de ferro, muitas vezes passavam por áreas desabitadas, incluindo a selva. Então, a família mudava com frequência em torno do estaleiro, de mês a mês, de acordo com a realidade rotativa do lugar das obras, basicamente num pequeno grupo: os pais de Bion, ele e sua irmã, e um número muito grande de operários indianos (Bion, 1982b). Provavelmente por essa razão, Bion sabia o dialeto hindustano. Essa condição de estrangeiro se manteve em sua vida e talvez tenha proporcionado um estado mental propício para tolerar conviver com várias dimensões que, embora estranhas entre si, costumam coabitar a mente (Bion Talamo, 1996-1997).

Neste trabalho relato trechos autobiográficos que apontam para o aspecto outsider de nossas existências: uma epígrafe de Freud envelhecendo, vinhetas de Bion em sua infância e de meus momentos no consultório, que não deixam de ser de cunho autobiográfico. Gostaria, portanto, de pensar a ideia de desamparo ancorada na possibilidade de o analista anotar e permanecer nos estados de não-integração presentes na experiência do cotidiano. A meu ver, a “não-integração” não é o oposto de “integração” ou de “desintegração”, termos que podem encontrar utilidade na descrição de algo mais próximo àquilo que já teve algum nível de apreensão, mais próximo à representação/simbolização, ou ao inconsciente reprimido. A não-integração, do vértice que busquei abordar, consiste, precisamente, em um estado próprio e o mais próximo da alma, de difícil acesso, como “fragmentos de Si-mesmo”; coexiste na mente num palimpsesto conjuntamente a outras dimensões, Infinito.

Esse estado pré-emocional (Braga, 2012) surge na intimidade e deve ser acolhido. Outro modo de “visualizar” esse estado é como aquele ativado na dupla analítica pela sua grupalidade, no protomental, que está presente em todos nós, em nossa condição pré-humana (transgeracional) dos pressupostos básicos. Nela, o indivíduo não está comprometido com decisões ou escolhas próprias, mas com a mentalidade de grupo, num estado emocional intenso e perturbador, o que muitas vezes o impede de aprender com a experiência emocional e, portanto, paralisa a capacidade de pensar. Nesse sentido podemos entender que a intolerância da mente primordial aos movimentos da pessoa que busca ser si mesma poderá chegar ao extremo de decretar o suicídio dessa pessoa (Braga, 2012; Silva, 2012). Tragado para dentro da mentalidade de grupo, o indivíduo renunciaria à busca de si mesmo livrando-se de sentir suas próprias emoções...

Contudo, numa outra direção, o grupo é uma fonte fundamental para a realização da vida mental do homem, seja porque o nutre em sua porção de irrepresentável, inexorável infinito, quando o indivíduo tolera permanecer em contato com esse nível evocativo do vivo (Melson, 2004), seja porque é no vínculo que é possível aprender com a experiência emocional sobre si mesmo e sobre a vida em geral.

Desejo, portanto, enfatizar a importância da análise pessoal do analista e da disciplina necessária no sentido de permanecer em contato com a realidade, nesse hiato de nossa transitoriedade. Ou, ainda, para dizer de outra maneira: como permanecer dentro de nossa condição de solidão individual diante de nossa necessidade existencial de um grupo? Nossa condição humana cotidiana de desamparo?!

El desamparo revisitado

Resumen: A través de fragmentos autobiográficos que apuntan al aspecto outsider de nuestras existencias, un epígrafe de Freud envejeciendo, viñetas de Bion en su infancia y viñetas clínicas, la autora propone reflexionar sobre la experiencia del desamparo anclada en la posibilidad del analista de constatar y permanecer en estados mentales de no-integración presentes en la vida cotidiana. Los estados de no-integración son únicos porque están más cerca del Yo.

Palabras clave: desamparo, no-integración, dimensión grupal, extraño, experiencia emocional

Helplessness revisited

Abstract: Through autobiographical excerpts that highlight the outsider aspect of our existence, an epigraph written by Freud in his later years, Bion's vignettes about his childhood, and clinical vignettes, the author reflects on the experience of helplessness, rooted in the analyst's ability to take note and remain within

mental states of non-integration that arise in daily life. States of non-integration are unique in that they bring one closer to the Self.

Keywords: helplessness, non-integration, group dimension, the uncanny, emotional experience

Referências

- Battisti, L. (1970). Emozioni [Música]. In *Emozioni*. Dischi Ricordi
- Bion, W. R. (1961). *Experience in groups and other papers*. Tavistock.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Heinemann.
- Bion, W. R. (1966). Catastrophic change. *Bulletin of the British Psychoanalytical Society*, (5), 13-25.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation: a scientific approach to insight in psycho-analysis and groups*. Tavistock Publications.
- Bion, W. R. (1977). *Seven servants: four works by W. R. Bion*. Jason Aronson.
- Bion, W. R. (1982a). *La lunga attesa: autobiografia 1897-1919*. Astrolabio.
- Bion, W. R. (1982b). *The long week-end: 1897-1919: part of a life*. Routledge.
- Bion, W. R. (1991). *A memoir of the future*. Karnac.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac.
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion Talamo, P. (1996-1997). L'apporto di Bion alla psicoanalisi: seminari 1996-'97. *Psychomedia*.
<https://bit.ly/4fCK4hX>
- Blikstein, I. (2012). O inferno na obra de Graciliano Ramos: uma obsessão semiótica. *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 233-244. <https://bit.ly/3ZtKBx7>
- Braga, J. C. (2012, 3 de março). *As experiências emocionais do analista como fio condutor nos labirintos da mente multidimensional* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Bria, P. (Ed.). (1989). Il cambiamento catastrofico come struttura astratta bi-logica. In *il pensiero e l'infinito: scritti sul pensiero di Ignacio Matte Blanco* (pp. 129-136). Teda Edizioni.
- Carroll, L. (2009). *Alice no País das Maravilhas*. CosacNaify. (Trabalho original publicado em 1865)
- Demócrito. (2007). *Raccolta dei frammenti, interpretazione e commentario di Salomon Luria*. Bompiani.
- Freud, S. (1972). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 13. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)* (pp. 13-163). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1972). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (pp. 273-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1972). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (pp. 89-182). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1972). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (pp. 289-304). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Melsohn, I. H. (2004). Significação e sentido expressivo na sessão analítica: algumas observações. *Jornal de Psicanálise*, 37(68), 183-189.

- Sapienza, A., & Junqueira Filho, L. C. U. (2004). *Fatores de conjugação e disjunção no relacionamento de parceria fértil e criativa* [Apresentação de trabalho]. Jornada de Bion 2004, São Paulo, SP, Brasil.
- Scappaticci, A. L. S. S. (2014). A autobiografia de Wilfred Bion: Taming: transitoriedade entre si mesmo e o grupo. *Jornal de Psicanálise*, 47(87), 129-141. <https://bit.ly/4eYJRod>
- Scappaticci, A. L. M. S. S. (2023). *Psicanálise: uma atividade autobiográfica*. Blucher.
- Silva, M. P. (2012, 18 de junho). *Comentários à supervisão A5*. Grupo de Estudos Supervisões de Bion (SBPSP), São Paulo, SP, Brasil.
- Williams, M. H. (1985). The tiger and "O". *Free Associations*, 1, 33-56. <https://bit.ly/3V0wFb9>

Anne Lise Sandoval Silveira Scappaticci

Endereço: Alameda dos Maracatins, 426, conjunto 102. São Paulo/SP.

CEP: 04089-000

Tel.: (11) 99297-4799

E-mail: annelisescappaticci@yahoo.it